



*"[Alfredo] Embevecia-se
olhando as senhas que siá
Rosa lhe dava como se elas
lhe contassem a maravilha
dos bondes mágicos correndo
pelo fio elétrico. Então a
cidade para Alfredo era um
reino de história encantada,
toda calçada de ouro e com
casas de cristal, meninos com
roupas de seda e museus com
muitos bichos bonitos.*

“CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA”, de Dalcídio Jurandir e o Ciclo da Borracha¹

Anderson Luiz Cardoso Rodrigues²

Não se sabe exatamente há quanto tempo o lugar hoje denominado de Brasil tem sido habitado, mas recentes pesquisas arqueológicas constataam que essa região já é ocupada por homens há mais de 30 mil anos antes da chegada do europeu nas terras brasileiras³. Alguns estudiosos, como Paes Loureiro (2001), consideram que o homem amazônida ao longo de todo esse tempo, e mesmo após a chegada do europeu em nossas terras, ainda preserva uma cultura muito peculiar, em virtude, principalmente, do isolamento histórico desse povo ao restante do Brasil, e, pela sua relação muito próxima com a natureza.⁴

¹ Este estudo é fruto de uma pesquisa que se encontra no segundo ano de desenvolvimento como bolsista PIBIC/CNPq vinculado ao Projeto RESNAPAP (A Representação Simbólica das Narrativas Populares da Amazônia Paraense como Linguagem de Informação), sob coordenação da Professora Dra. Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira.

² Aluno do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará - UFPA, bolsista PIBIC/ CNPq. E-mail: anderson@ufpa.br

³ Ver GAMBINI, R. **Espelho de índio**: a formação da alma brasileira. 2. ed. São Paulo: Axis Mundi/ Terceiro Mundo Nome, 2000. p. 19-26 e 158-180.

⁴ O autor discute a identidade étnica não somente pelo sentido da origem histórica, e destaca que não se deve confundir identidade com superioridade ou pureza racial. Em seu trabalho o sentido de identidade é discutido pelo viés do auto-reconhecimento, auto-estima, consciência da própria inserção no conjunto da sociedade nacional e, mais amplamente na sociedade dos homens.

Paes Loureiro (2001) observa que, na Amazônia, ainda pode-se reconhecer nitidamente dois espaços sociais tradicionais da cultura, cada qual assinalado por características bem definidas: o espaço da cultura rural e o da cultura urbana. No primeiro, especialmente o ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. Dessa forma, predomina a transmissão de informação oralizada, ou seja, os mitos, a maneira como por eles é visto o mundo, as crenças, a(s) religião(ões), tudo é repassado de geração para geração via oral. De acordo com o mesmo autor, nesse ambiente a expressão cultural é densamente representativa da cultura amazônica. Já na cultura urbana, a presença das trocas simbólicas com outras culturas é mais intensa, há maior velocidade nas mudanças, o sistema de ensino é mais estruturado, há o dinamismo próprio das universidades, e o contato com as tecnologias de "ponta" é maior.

Ao longo de sua história, a Amazônia sofreu contatos com outras culturas. Dessa maneira, Loureiro (2002, p.299) identifica três momentos de "ruptura no processo de construção da identidade amazônica": a primeira com a chegada do europeu na Amazônia; a segunda com a introdução das políticas públicas impostas pelo Governo Federal na segunda metade do séc. XX e a terceira quando a região se integra no processo de globalização mundial. Para esta autora, essas rupturas ocorreram quando a identidade amazônica se encontrava em processo de formação, isto é, o "eu amazônico" ainda não tinha se formado. Já Paes Loureiro (2001) analisa esse choque cultural a partir do prisma do conflito de signos ou imposição simbólica, identi-

cando a catequese e a pedagogia dos padres da Igreja quando encarnaram a doutrina cristã na cultura indígena; o Ciclo da Borracha, que reforçou o sentimento de inferioridade face à cultura "de fora", principalmente nas grandes capitais como Belém e Manaus; e o aparecimento dos meios de comunicação de massa (Televisão e Rádio) na região da Amazônia.



Cultura indígena na Amazônia

Sendo assim, Dalcídio Jurandir em seus romances, forma um mosaico da vida cotidiana dos habitantes do Marajó e de Belém,

destacando o viver e o sentir do homem amazônico, e chama a atenção do Brasil que nessa região não existem apenas exuberantes florestas e animais, mas, além disso, pessoas que possuem almas, que sentem, amam, têm pequenas felicidades e sofrimentos. Ou seja, Dalcídio revoluciona em relação ao tratamento da Amazônia no âmbito literário, parte do regional para o universal, uma vez que não se prende somente a fazer meras descrições naturalistas do universo amazônico, tal como se fazia na literatura até então, como por exemplo, os relatos dos viajantes, Alberto Rangel e outros escritores. Ele vai muito além e se eterniza por fazer dos seus romances uma narrativa caracteristicamente psicológica. Para Bella Josef (apud NUNES, 2001, p. 39) o regionalismo deve ser crítico e com auto nível de autoconsciência crítica, não devendo possuir nenhuma relação de oposição com o universalismo. Este ponto de convergência, que, aliás, os estudiosos de Dalcídio preferem enfatizar, é o que caracteriza o texto dalcidiano, isto é, o rio, a floresta e os animais não são mais importantes que os sentimentos dos personagens, por conseguinte, o regional não subjugue e nem se sobrepõe ao universal.

O contexto histórico retratado no romance *Chove nos campos de Cachoeira* era o ciclo da Borracha, uma das épocas mais destacadas da história social e econômica da região. Esse ciclo é compreendido por um período de intensa exploração do látex, a *hevea brasiliensis*, nativa da região, cuja fase mais significativa se estendeu de fins do século XIX até por volta de 1920, e é onde a influência da cultura européia se intensifica, concentrando-se nas grandes cidades como Belém e Manaus, e repercutindo, nas pequenas cidades e nas comunidades ribeirinhas. Em decorrência do *boom* gomífero, a capital do Pará assume o papel de principal porto de escoamento da produção do látex, além de se tornar a vanguarda cultural da região. "Belém tentou tornar-se bem mais européia do que amazônica" (SARGES, 2002, p. 186), tanto que a cidade foi denominada pelo



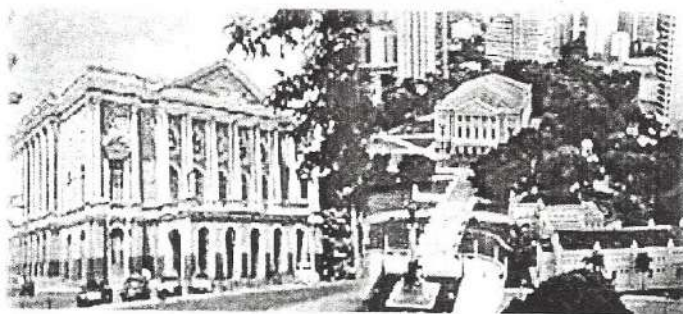
Ciclo da Borracha

"francesismo", posto que as famílias ricas tinham o hábito de mandar seus filhos aprimorarem sua educação nas escolas francesas. Essa elite intelectual é que vai determinar o *decorurbano* europeizado e aburguesado. Então, percebe-se que, concomitante a questão econômica, a cultura também sofre um grande impacto nesta fase de "desenvolvimento" da Amazônia. Segundo Sarges (2002, p. 135):

"O processo de urbanização experimentado pela cidade de Belém do Pará, a partir da segunda metade do século XIX, não está assim ligado somente à intensificação da vida industrial, como ocorreu nas cidades européias e americanas, mas pela função comercial, financeira, política e cultural que desempenhara durante a fase áurea da borracha".

Em relação ao restante do Brasil, a Amazônia foi a região que mais herdou e preservou a cultura indígena, principalmente aquela população que vive na área rural. Contudo, sob a égide de que ela sofreu algumas "rupturas" ou "conflitos simbólicos" (de acordo com os autores citados acima) no decorrer de sua história, torna-se translúcido crer na descaracterização paulatina da alma amazônica. Dessa forma, no primeiro romance do ciclo Extremo-Norte, o autor nos mostra como essa fase influenciou no imaginário do homem amazônico, portanto, preocupa-se em demonstrar que a cultura "de fora" o fascinou e o encantou. Nesse sentido, Dalcídio, quando vivo, se mostrava muito preocupado com a rapidez avassaladora do progresso na região. Na visão de Maligo (1992, p. 53) a Amazônia presente de Jurandir "é um mundo em ruínas", onde é expresso nos verbos "desabar" e "cair", não só na decadência física mas, também, na "perda moral", diante das trocas com o que "está fora". Essa preocupação de Jurandir pode ser percebida em uma carta escrita à Maria de Belém Menezes:

"Que a floresta amazônica seja protegida, e os índios também, esse índio ameaçado, em breve expulso do seu chão, massacrado. Belém se cobriu também de sangue de índio, batizou-se nesse sangue. Que o progresso não corra tanto, a ponto de nos tornar, mais depressa, mais infelizes e mais duramente iludidos de que somos civilizados, por bem servidos pela técnica [...] Temo pela descaracterização de Belém, condenada a urbs desumana, poluída, igual a qualquer cidade. Esse progresso desigual faz robots, não cria alma. Aumenta a riqueza e multiplica a necessidade..." (DALCÍDIO apud MENEZES, 1996, p. 20).



Teatro da Paz - Belém-Pará

"rejeição da condição cabocla". Esse fenômeno pode ser visualizado em alguns momentos do romance como, por exemplo, quando Alfredo foi para Belém e não pôde sair da casa, distante do centro da cidade, de Mãe Ciana, por sua vez, o menino se enche de tristeza por não conseguir ver a beleza da cidade como era visto pelos olhos de siá Rosália, o que viu, porém, foi o mundo "feio" dessa casa e de suas proximidades. Ele não queria ver moleques sujos empinando papagaios, roupa suja amontoada, torneira sempre vazando, rua cheia de lama, carroças cheias de cachorros presos numa grade. O que Alfredo almejava contemplar era o Teatro da Paz dos moldes da arquitetura européia, os bondes que corriam pelos fios elétricos, os museus e o cinema. Como pode ser observado nesse fragmento da obra:

"[Alfredo] Embebevia-se olhando as senhas que siá Rosália lhe dava como se elas lhe contassem a maravilha dos bondes mágicos correndo pelo fio elétrico. Então a cidade para Alfredo era um reino de história encantada, toda calçada de ouro e com casas de cristal, meninos com roupas de seda e museus com muitos bichos bonitos. A cidade onde se fazia o Círio de Nazaré, o fatinho feito na loja, que seu pai lhe trouxe, o par de talher, os brinquedos raros e pobres que duravam uma hora. Tinha visto com os seus olhos não a cidade de siá Rosália mas a cidade da mãe Ciana, da Gualdina, do seu Ulisses, do Sevico." (JURANDIR, 1995, p. 86).

Outro momento em que a imposição cultural se mostra presente na narrativa é quando Dr. Campos, no capítulo *Metafísica para os Vermes*, convida Eutanázio para beber uma "Bier", mostrando seu desejo de ingerir unicamente cervejas de Hamburgo ou de Munique, se tivesse condições para tal. Prosseguindo em seus pensamentos, Dr. Campos relembra-se, com muito orgulho, dos dias que esteve na Alemanha e Paris, nessa visita ao continente antigo se apaixonou por uma francesa e gastou dezenas de contos do dote de sua pretendente, mas viu a civilização. Viu a civilização? Nesse momento, o padrão europeu de belo se faz mais uma vez explícito, transparecendo como o cosmopolitismo impositivo da civilização européia pousava no imaginário amazônico dessa época, quiçá, do resto do Brasil, e ainda se faz presente nos dias atuais.

"Conheci ainda Tobias em Recife. Que gênio! Seu Eutanázio, que gênio! É lírico quando tangia a harpa! Acho ele mais lírico que Castro Alves. Do Castro gosto do seu condoreirismo. Mas as horas já estão adiantadas e preciso ir a Salu. Quer ir comigo beber uma Bier? Hem, Eutanázio? Se eu pudesse mandava buscar de Hamburgo as minhas cervejas. De Hamburgo, não. De Munique! Quando estive em passeio na Alemanha passei dias em Munique. Ah! as cervejas de Munique! Alemanha é a pátria de Goethe, de Bismark, da Brahma! Mas sempre Paris me seduziu. Quando estive em Paris, a Cidade Luz, não bebia cerveja, bebia champanhe e *bordeaux*! Amei uma francesinha no Bois de Boulogne! A gente se deita naquela areia fina e a francesinha faz a gente ter desejos de voltar à França. França, a pátria do intelecto! Gastei algumas dezenas de contos do dote de minha madame, mas vi a civilização! Ouvi a Duse! Vi Isadora Duncan! A comédia francesa! Tive paixão pelos ditos do grande, do inimitável Bataille! Depois foi aquela estação em Nice. A minha aventura com uma corista em Milão. Madame teve que tirar cálculos da bexiga na Suíça e voltei para o Brasil juiz-substituto e bebedor de cerveja." (JURANDIR, 1995, p. 119-120).

Os habitantes da vila de Cachoeira admiravam siá Rosália por ter trabalhado como camareira no Teatro da Paz, o maior teatro do Norte do Brasil. Mesmo que nenhum morador tivesse certeza, ela se vangloriava de tal feito, afirmando, com entono, ter conhecido inúmeros artistas europeus. O desejo inconsciente ou consciente de conhecer a Europa, ou de ter nascido europeu, repousava no imaginário de todos da vila, a viúva siá Rosália afirma só não ter sido possível realizar este almejo coletivo, devido ao seu ex-marido, Saraiva, não ter permitido, pois conheceu Lucíola Simões que a convidou para morar ou para passar umas férias (o texto não deixa bem claro) em Lisboa. Como a consolidação deste fato paira como algo muito distante, quase utópico para muitos, Belém passa a ser um sonho mais concreto e acessível, objeto mais próximo de desejo dos personagens de Chove nos campos de Cachoeira. "O fato é que se vive em Cachoeira, mas aspira-se por Belém. A capital é o fascínio, é o desejo mais íntimo de todos os personagens, (é a aspiração do homem interiorano pela cidade grande) não importa o que vão fazer, mas estão de alguma forma em Belém", nos diz Assis (1996, p. 46).

"Cachoeira não sabia bem como foi a vida de siá Rosália, em Belém. Contavam que servira como criada no Teatro da Paz. Ela dizia sempre, com a voz cheia:

- Eu, eu vesti muito artista. Cada roupage! Era ver uma princesa. Fui camareira do Teatro da Paz!

Camareira do Teatro da Paz! Pasmava Cachoeira. Os conterrâneos de D. Rosália achavam, até mesmo irritante, que ela chegasse a ser camareira do maior teatro do Norte do Brasil! Não sabiam ao certo. Uns viam-na em Belém, com a cesta debaixo do braço, a caminho dos mercados. Outros cansavam de ver siá Rosália, ama-seca, vestida a rigor, empurrando carrinhos de bebês ricos em Batista Campos. Viam-na no pé dum charão de doces no arraial de Nazaré, abanando as moscas com um pano. Vendia tacacá no larguinho atrás da igreja de Nazaré, no tempo da festa. Carregava trouxas de roupas na rua para casa do Coronel Soares, fazendeiro em Chaves. Era mulata alegre e festeira no Umarizal, devota do mastro do mestre Martinho, dançadeira de lundu, jogando entrudo na Antônio Barreto com os marinheiros nacionais. Virava muito mulato, soldado de polícia e estivador no maxixe, na São João. Andando atrás dos bois-bumbás nas noites de encontro no Umarizal e Jurunas. Ia ao cais esperar navio do Acre que lhe trazia seringueiros cheios, balateiros com os milhos. Tinha o seu espartilho, as suas camisas de renda, as suas voltas, as suas chinelas de veludo, os seus bereguendéns. D.

Rosália tudo isso fizera e o povo de Cachoeira tinha de tudo isso uma vaga informação. Falava mais por palpite. Mas em Cachoeira a velha mulata, viúva de seu Saraiva, não se cansava de repetir:

- Fui camareira do Teatro da Paz. Conheci o maestro Carlos Gomes, artistas de Portugal. Vesti Lucíola Simões. Ela só não me levou para Lisboa por causas do Saraiva. Saraiva que não deixou." (JURANDIR, 1995, p. 99-100)

Apesar do foco desse estudo ser a obra *Chove nos campos de Cachoeira*, o seu terceiro romance, *Belém do Grão Pará*, onde Alfredo vai completar seus estudos na capital paraense, que o conflito simbólico se consolida de fato, pois é quando o espaço da narrativa passa a ser a capital do Pará, que é criada a partir do olhar subjetivo dos personagens. Nas palavras de Benedito Nunes (1961) "é através da experiência subjetiva desses personagens, Alfredo, Libânia, Emilinha, Inácia, Virgílio, Isaura, Mãe Ciana e Antonio, que a cidade começa a existir", são os olhos de menino-do-mato, de matuto que descobrem os segredos e os encantos da grande cidade de Belém. Como a cidade de Belém é vista "de dentro" (interior do personagem) "para fora" (exterior/meio), e como alguns personagens do romance são originários de um ambiente rural, ocorre um conflito no interior dos mesmos quando se deparam com um ambiente cultural até então estranho, em virtude de que no chamado Ciclo da Borracha, a cultura européia contrastava com a paisagem amazônica. Nas palavras de Benedito Nunes (1961, p.1), "os personagens dialogam, defrontam-se com a cidade, que, além de ser ambiente e paisagem, compõe uma figura multiforme, humanizada e ideal".

Lévi-Strauss (1962) em um artigo intitulado "A crise Moderna da Antropologia" se mostra preocupado para o que chama de o "fim" das sociedades a-históricas. Como observa Galvão (1995, p. 24):

"Sua preocupação com o 'fim' das formas 'nativas' fundava-se, sobretudo, na concepção de que esses povos estariam sendo paulatinamente incorporados ao que mais tarde se chamou de 'sistema mundial', e que tal passagem implicaria necessariamente, a perda inexorável de alguma forma 'original' de ser".

Foi exatamente a preocupação de Lévi-Strauss que levou Paes Loureiro a estudar a cultura amazônica, assim como, também Dalcídio Jurandir, a retratar o cotidiano amazônico, além de outros inúmeros estudiosos e escritores, pois achavam pertinente analisar, ou simplesmente registrar a memória, a diversidade e a riqueza cultural desse povo antes que se incorpore, por completo, ao "sistema mundial". Então, estudar Dalcídio é conhecer, experimentar e preservar a cultura amazônica em suas várias formas e multivozes. É reafirmarmos nossa etnia para podermos lutar contra a posse, física e espiritual, do capital mundial, é, por assim dizer, a salvação da nossa mal resolvida identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Rosa. **Dalcídio Jurandir**: a simplicidade de um simples e alguns aspectos de sua obra. *Asas da Palavra*. v. 3, n.4, Jun., p. 41-47. 1996.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. 3. ed. Belém: CEJUP, 1991. 294 p.

LÉVI-STRAUSS, C. **A Crise da moderna Antropologia**. *Revista de Antropologia*. v. 10. p. 1-2. 1962

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras, 2001. 437 p.

_____. **A questão cultural amazônica**. In: Secretaria de Estado do Pará. Estudos e problemas amazônicos: história social e econômica e temas especiais. 2. ed. Belém: CEJUP, 1992. 208 p.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônida**: uma identidade inconclusa. In: SIMÕES, Maria do Socorro. (Org.) **Marajó**: um arquipélago sob a ótica da cultura e da biodiversidade. Belém: UFPA, 2002. p. 299-306.

MALIGO, Pedro. **Ruínas Idílicas**: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir. *Revista USP*, São Paulo, n. 13, p. 48-57, 1992.

MENEZES, Maria de Belém. **Um retrato de Dalcídio Jurandir**. *Asa da Palavra*. v. 3, n. 4, Jun., p. 20-26. 1996

NUNES, Benedito. **Crônica de Belém**: "Belém do Pará". *O Estado de São Paulo*. Suplemento Literário, v. 5, n. 121, p. 1-3, 25 mar. 1961.

NUNES, Paulo. **Aquonarrativa**: uma leitura de *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. Belém: UNAMA, 2001. 98p.

OLIVEIRA, Ana Gita de. **O mundo transformado**: um estudo da "cultura de fronteira" no alto Rio Negro. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1995. 230 p.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912). 2 ed. Belém: PakaTatu, 2002. 212 p.